



## VOZES AFRICANAS FEMININAS NA FILOSOFIA: CENÁRIOS E DESAFIOS

WANDERSON FLOR DO NASCIMENTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Partindo da leitura crítica de obras de histórias da filosofia africana, de introdução às filosofias africanas e antologias especializadas nessa área, este artigo objetiva problematizar a posição paradoxal de denúncia da exclusão intelectual do pensamento africano, ao mesmo tempo em que finda por promover uma marginalização epistêmica das filósofas africanas. Ao mostrar que o núcleo fundamental das obras de introdução e divulgação do pensamento filosófico africano está estruturado em torno de um androcentrismo da produção desses materiais, o artigo soma-se aos esforços de radicalizar a perspectiva anti-excludente da prática das filosofias africanas, apontando para a necessidade de revisão crítica desses trabalhos de divulgação e do fazer formativo em filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia Africana; Marginalização epistêmica de mulheres; Filósofas africanas; Androcentrismo.

**ABSTRACT:** Starting from a critical reading of works on the history of African philosophy, introduction to African philosophies and anthologies specialized in this area, this paper aims to problematize the paradoxical position of denouncing the intellectual exclusion of African philosophical thought, while ending up promoting an epistemic marginalization of female philosophers African. By signaling that androcentrism structures the fundamental core of works that introduce and disseminate African philosophical thought, the paper adds to the efforts to radicalize the anti-exclusionary perspective of the practice of African philosophies, pointing to the need for a critical review of these diffusion works and training in philosophy.

**KEYWORDS:** African Philosophy; Epistemic marginalization of women; African philosophers; androcentrism.

Após o debate iniciado na década de 1950, em função da publicação em francês do livro *A Filosofia Bantu* do padre belga Placide Tempels, a velha querela, que inicia o debate internacional contemporâneo sobre as filosofias africanas, sobre a existência – ou não – de um pensamento filosófico parece ter ficado para trás. Ou ao menos, assim desejamos. Passados mais de 70 anos, apesar da desconfiança do racismo epistêmico, que insiste em buscar a invisibilização ou periferalização do pensamento africano – produzido em África ou na diáspora –, há centros ou núcleos de pesquisa dedicados às filosofias africanas nos continentes

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Filosofia e doutor em Bioética pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: wandersonflor@unb.br.

americano, europeu, asiático e, por óbvio, africano. Editoras de vários países, dos mais diversos continentes, têm se dedicado a publicar e traduzir pesquisas produzidas sobre ou a partir das filosofias africanas.

No Brasil, monografias de final de curso de filosofia, dissertações e teses começam a aparecer, ainda que timidamente, apontando para a consolidação de um campo de pesquisa que vem se fortalecendo. Ao menos desde a década de 1980, a filosofia ocidental vem fazendo uma autocrítica sobre sua participação na construção da história moderna do racismo (GOLDBERG, 1984), muito embora essas críticas estejam longe de provocar uma mudança no eixo canônico de organização dos currículos básicos da formação de filósofos e filósofas profissionais. Ainda assim, essa abordagem autocrítica tem feito com que se analise, com um pouco mais de cautela, a primazia eurocêntrica dos discursos filosóficos tomados como relevantes e estruturantes da prática e formação filosóficas.

Filósofos africanos de nascimento, como Achille Mbembe e Kwasi Wiredu têm repercutido de maneira positiva no debate filosófico internacional; e vários filósofos e filósofas nascidas no continente africano, como Souleymane Bachir Diagne, V.Y. Mudimbe, Paulin J. Hountondji e Nkiru Nzegwu ou de ascendência africana próxima, como Kwame Anthony Appiah, lecionam ou lecionaram em renomadas universidades europeias e estadunidenses.

Este cenário parece apontar para um contexto inclusivo do debate filosófico que tenha se aberto ao pensamento africano. Entretanto, ao olharmos de perto, quando falamos da construção de um cenário filosófico plural, que vá para além do silenciamento africano, indígena, oriental, latino-americano, encontramos ainda uma profunda e intensa problemática, ainda pouco debatida: *a ausência das filósofas africanas no debate sobre a história e difusão das filosofias africanas*.

Para discutir o cenário em que esta lacuna toma espaço, este artigo procurará nas principais referências sobre a história e a divulgação das filosofias africanas a presença e ausência das filósofas africanas – e aqui observaremos apenas aquelas que nasceram no continente africano e que têm formação profissional em filosofia. Embora importantes, não trataremos aqui das filósofas afro-diaspóricas, pois os contornos dos debates das filosofias africanas em diáspora seguem caminhos diferentes e, por uma opção de recorte para um estudo mais focado, tomaremos apenas as nascidas no velho continente negro. No que diz respeito à formação das pensadoras, buscaremos focar aquelas que tiveram uma formação acadêmica no campo filosófico, uma vez que os estudos universitários têm priorizado uma composição

endógena na própria filosofia, o que tem informado a formação de filósofos e filósofas nos cursos profissionais de filosofia da atualidade, de maneira específica.

Esperamos poder trazer alguns elementos que permitam problematizar os modos como a busca por uma abertura do cânone – e mesmo sua problematização mais radical – precisa comprometer-se com o enfrentamento de formas misóginas e, de certa forma, epistemicidas de silenciamentos sexistas da produção de pensadoras africanas.

### **Consultando referências**

Esta seção do artigo revisitará as principais fontes de divulgação das histórias das filosofias africanas e dos debates filosóficos em torno do pensamento produzido no continente africano. Buscaremos, especificamente, referências a produção de filósofas nascidas em qualquer região do continente africano, para, com isso, verificar a maneira como esses materiais trabalham com a divulgação do pensamento filosófico produzido pelas autoras.

Selecionamos algumas das principais obras de introdução às filosofias africanas, sobre a história da filosofia africana e antologias sobre o pensamento filosófico africano. Também foram verificadas enciclopédias gerais sobre o pensamento africano e afro-diaspórico. E, nelas, uma busca de referências às autoras africanas. As obras do exterior foram escolhidas a partir das referências catalogadas pelo Philosophy Documentation Center, que mobiliza centenas de instituições de pesquisa e publicação filosóficas no mundo. As obras brasileiras foram selecionadas a partir de suas presenças como referências em trabalhos acadêmicos de filosofia, verificadas nas bases de pesquisa ProQuest e Google Acadêmico. Essa estratégia procura mapear as referências mais comumente utilizadas nas pesquisas e ensino em torno das filosofias africanas, tentando focalizar aquelas de maior projeção internacional e as que mais tem impactado as leituras no Brasil.<sup>2</sup>

#### *a) Obras de introdução às filosofias africanas*

Os livros de introdução às filosofias africanas são importantes obras que sistematizam os principais debates sobre o campo, temas, problemas e intelectuais do pensamento africano.

---

<sup>2</sup> Este levantamento também consultou a extensa listagem bibliográfica elaborada pelo padre belga e professor da Universidade Católica do Congo, especialista em história das filosofias africanas Alfons Josef Smet, chamada *African Philosophical Bibliography*, e que teve sua atualização realizada até 2004. <https://sites.uclouvain.be/sisp/sites/philaf/default.htm> (acesso em 21/02/2023). Sem dúvida, esse é o maior catálogo online de referências bibliográficas sobre as filosofias africanas existente até agora.

São textos que, de maneira potente, retratam o campo da investigação em seus interesses e reverberações. E, como veremos, também suas lacunas e silenciamentos...

Uma das primeiras coletâneas dedicadas às introduções às filosofias africanas, *African philosophy: an introduction*, organizada pelo afro-estadunidense Richard A. Wright (1984), não apenas deixa de comentar qualquer filósofa africana, como as únicas autoras de capítulos são as estadunidenses Helaine K. Minkus, que escreve o capítulo *Causal theory in Akwapim Akan philosophy* e Diana E. Axelsen, que escreve o capítulo *Philosophical Justification for Contemporary African Social and Political Values and Strategies*. Este livro teve três edições, em 1977, 1979 e 1984 e essa característica de ausência de filósofas africanas não se modificou.

O livro *African Philosophy: An Introduction to the Main Philosophical Trends in Contemporary Africa*, escrito pelo alemão E. A. Ruch e pelo nigeriano K. Chukwulozie Anyanwu (1984) também não faz referência a nenhuma filósofa nascida no continente africano. Só há duas referências femininas na obra: Uma citação de uma narrativa iorubana sobre o orixá Exu pregando uma peça em uma esposa (RUCH; ANYANWU, 1984, p. 165) e citação de uma fala de Lawino, personagem feminina do poema épico de *Wer pa Lawino*, de Okot p'Bitek (RUCH; ANYANWU, 1984, p. 205). Nenhuma delas referindo-se a um possível caráter filosófico das personagens citadas.

*La philosophie négro-africaine*, livro do filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima (1995) – um curto e instigante volume da coleção *Que sais je?* da prestigiosa Presses Universitaires de France – não apenas denuncia aquilo que ele chama de “tentação falocrata” (p. 83), como demanda a retomada da fala das filósofas nos debates sobre as filosofias africanas, acionando a ideia de “falósofos” (p. 112), para denunciar o falocentrismo da filosofia africana. Apesar dessas denúncias, no campo da interlocução, políticas de citação, entre as filósofas nascidas no continente africano, cita apenas a senegalesa Awa Thiam e a nigeriana Marie Pauline Eboh. Estrategicamente, não basta apenas a denúncia do falocentrismo, sobretudo quando recai sobre as filósofas africanas. Tê-las efetivamente como interlocutoras é importante nesses materiais introdutórios às filosofias africanas, sob o risco da aparição de contradições performativas.

O livro *An Introduction to African Philosophy*, escrito pelo filósofo queniano Samuel Oluoch Imbo (1998), traz uma ampla apresentação do campo em torno da configuração dos debates sobre as filosofias africanas, partindo da discussão sobre a definição de filosofia africana, suas orientações mais reconhecidas e/ou criticadas, avalia o problema da unidade da filosofia africana e suas conexões com os debates sobre arte, linguagem, diáspora e as filosofias

feministas. O quinto e último capítulo do livro é dedicado ao debate sobre conexões das filosofias africanas com as filosofias afro-estadunidenses e feministas. Na estrutura do argumento, Imbo (1998, p. 123-124) afirma que

devido às aventuras coloniais e outras aventuras imperialistas na África, uma dimensão política está sempre no centro dos debates no meio acadêmico africano. A ocupação europeia impôs uma escolha aos africanos. Eles poderiam aceitar a diferença (dos europeus) atribuída a eles pelo discurso colonial, ou poderiam negar qualquer diferença e afirmar o igual valor de sua humanidade. Defender a existência de filosofias autóctones africanas tornou-se, nesse contexto, mais do que um exercício acadêmico – tornou-se uma parte crucial do processo de recuperação da humanidade africana (...). Vista [a filosofia africana] como uma luta contra o colonialismo, a dominação e a marginalização, uma estratégia que se sugere é a união de africanos, afro-estadunidenses e feministas. A mesma dialética que a Europa impôs à África foi imposta às mulheres e aos afro-estadunidenses, e isso cria uma intersecção das preocupações desses grupos.

Nesse reconhecimento da similaridade e intersecção entre as demandas, o livro traz autoras para o debate citando os trabalhos da teóloga ganense Mercy Oduyoye, da economista e política sul-africana Dorothy Ramodibe, da teóloga camaronesa Rose Zoé-Obianga, da poeta e crítica literária malawiana Stella Chipasula e da escritora e ativista nigeriana Adeola James. Nenhuma filósofa nascida no continente africano é citada, embora afirme: “Escritoras como Buchi Emecheta, Flora Nwapa, Micere Mugo, Grace Ogot, Mariama Ba e Bessie Head trataram de temas que, se fossem tratados por homens, teriam sido considerados filosóficos” (IMBO, 1998, p. 138). Não obstante, textos de autoras estadunidenses como Sandra Harding, Elizabeth Spelman, Carol Gilligan, Susan Hegeman e Carol Gould são trazidos e comentados. Portanto, embora reconhecendo as semelhanças entre as lutas para o reconhecimento por parte das filosofias africanas, as filosofias afro-estadunidenses e feministas, não houve uma abertura para que essa luta tomasse a forma da textualidade das escritas filosóficas femininas africanas na descrição do debate trazido pela obra.

O filósofo sul-africano Richard H. Bell (2002), em seu *Understanding African Philosophy*, apresenta uma introdução às filosofias africanas por meio de uma abordagem intercultural, discutindo as dimensões da etnofilosofia, da Negritude, da filosofia da sagacidade, posições críticas em torno daquilo que chama de filosofia científica, do pensamento pós-colonial, tematizando pontos como a filosofia moral africana, por meio da problemática do comunalismo, de ubuntu e da filosofia da oralidade. Dentre as dezenas de autores africanos, as escritoras sul-africanas Antjie Krog, Annie Gagiano, Bessie Head e a antropóloga nigeriana Ifi Amadiume, nenhuma delas com formação filosófica ou dedicada aos estudos da filosofia.

Em 2007, o filósofo e bispo queniano Maurice Makumba (2014) apresenta, em seu livro *Introdução à filosofia africana: passado e presente*, uma aproximação ao pensamento filosófico africano que se encaminhe, de modo crítico, a um debate com o pensamento cristão que se instala no velho continente negro. Também viajando, em uma dimensão histórica, do antigo Egito às filosofias cristãs africanas do século XX, o livro nos apresenta uma abordagem que nos traz apenas Hipácia de Alexandria – imprecisamente descrita como “a primeira mulher filósofa conhecida” (MAKUMBA, 2014, p. 59). E isso é tudo o que o livro nos diz sobre ela. Nenhuma outra autora africana é mencionada no livro. A única mulher citada e discutida é a filóloga estadunidense Mary Lefkowitz, em sua crítica à existência de heranças egípcio-africanas no pensamento grego da antiguidade.

O livro do padre espanhol Fernando Susaeta Montoya (2010), *Introducción a la filosofía africana: Un pensamiento desde el cogito de la supervivencia*, como o próprio título sugere, apresenta o debate sobre a filosofia africana em torno disso que ele chama de “cógito da sobrevivência”, para o qual o pensamento filosófico africano se mostra como estratégia de resistência às tentativas de apagamento e desumanização promovidas pelo ocidente. Viajando da Etiópia e Egito da antiguidade até o afropessimismo do início do século XXI, o livro não menciona nenhuma obra de filósofas nascidas no continente africano. A única referência de uma escritora africana, que não é discutida no texto, mas sugerida nas referências bibliográficas é o da freira e psicóloga congoleza Marie Viviane Tsangu Makumba. Encontramos, ainda, a menção a quatro teóricas numa listagem no pé de página (MONTROYA, 2010, p. 269), trazendo uma reprodução da classificação de Bidima (1995), com a aparição não comentada, entre 48 nomes, das filósofas – mencionadas como feministas – Awa Thiam, Pauline Eboh e Albertine Tsibilondi Ngogy, além da advogada senegalesa Fatou Kiné Camara. E nada sabemos, no livro, sobre o pensamento dessas autoras. A quase totalidade dos homens dessa listagem está comentada ao longo do livro.

A obra *La philosophie africaine* do filósofo senegalês Ibrahima Sow (2012), em sua apresentação dos debates sobre as filosofias africanas naquilo que elas problematizaram em termos metafilosóficos, de enfrentamento aos racismos, de suas classificações e movimentações, suas fontes e relações com os mitos e as dimensões místicas, cosmológicas e religiosas, aborda uma vasta série de autores nascidos no continente africano, desde o antigo Egito até a filosofia contemporânea – continental e diaspórica – no século XXI. Em sua relativamente extensa listagem de interlocuções, com mais de duzentas e cinquenta referências bibliográficas, o livro apenas menciona, de passagem, um artigo da filósofa senegalesa Marie-

Louise Diouf (SOW, 2012, p. 113), numa breve referência crítica a especialistas africanos sobre Hegel.

O livro do filósofo brasileiro Ivan Luiz Monteiro (2020), *Introdução ao pensamento filosófico africano*, faz uma abordagem ampla do debate sobre as filosofias africanas, trazendo uma passagem breve sobre a dimensão histórica e centrando-se em temáticas e classificações do pensamento filosófico africano contemporâneo e dedicando um dos capítulos à filosofia africana no Brasil. Na introdução do livro, o autor, ao justificar as escolhas feitas em sua construção, afirma: “não desenvolveremos temática original, optando por apresentar correntes e autores da tradição filosófica africana, *cujos estudos e conhecimento – ainda que de pouco alcance – apresentam a relevância do pensamento filosófico africano*” (MONTEIRO, 2020, p. 34, grifos meus). Não resta compreensível porque o pensamento das filósofas africanas não se prestaria a esse fim. Na sequência, o autor chama a atenção de que “toda a seleção é também renúncia” (idem), momento em que ele anuncia a ausência das autoras na obra. Curiosamente, ao exemplificar o caso de “personalidades notórias” (id.), o autor se refere às estadunidenses Angela Davis e bell hooks e às brasileiras Conceição Evaristo e Sueli Carneiro, não mencionando nenhuma africana nessa justificativa. As únicas menções às filósofas africanas negras estão no prefácio do livro, escrito pelo educador físico paranaense Galindo Pedro Ramos, que aponta a relevância de conhecer o pensamento de autores e autoras como Sophie Oluwole e Marie Pauline Eboh. Não obstante avisar da ausência de autoras, o livro dedica parte do capítulo sobre a etnofilosofia à discussão do pensamento da filósofa marfinense Séverine Kodjo-Grandvaux sobre essa abordagem da filosofia africana (MONTEIRO, 2020, p. 65-68).

O livro *Filosofias africanas: uma introdução*, dos brasileiros Nei Lopes e Luiz Antonio Simas (2020), nos apresenta uma jornada menos comprometida com o cânone acadêmico de introduções. Nas palavras dos autores, o objetivo do livro é

apontar e salientar a presença, no saber africano tradicional, anterior ao colonialismo europeu, de uma estrutura de pensamento homogênea, que fundamenta práticas e ações transplantadas para o Brasil e as Américas, as quais até hoje influenciam, redimensionadas pelas circularidades culturais e as encruzilhadas diaspóricas, o cotidiano de comunidades afrodescendentes e eventuais agregados (LOPES; SIMAS, 2020, p. 15).

Com essa estratégia, os autores evitam as classificações em tendências ou escolas e mesmo a referência central a autorias individuais, senão como “pré-textos” para suas interpretações. São as questões, os sentidos que os interessam. Para isso, viajam por tematizações cosmológicas, dimensões éticas, políticas, estéticas, ontológicas e epistêmicas,

encontrando povos, culturas e histórias africanas. Embora a autoria individual não seja central na construção do livro, é sintomática a predominância dos autores. Encontramos apenas referências à antropóloga espanhola Inès de la Torre, à semioticista Lourdes Bacha, à antropóloga Denise Dias Barros, ambas brasileiras, à antropóloga francesa Germaine Dieterlen, à polímata estadunidense Elisa Larkin Nascimento, à etnóloga franco-italiana Viviana Pâques, à historiadora e linguista guadalupense Ama Mazama e à assistente social estadunidense Mekada Graham. A única africana citada é a antropóloga congoleza Blandine Engonga-Bikoro. Causa espanto que todos os temas trazidos pelo livro foram tratados por teóricas africanas reconhecidas internacionalmente e não mencionadas, como a burquinense Sobonfu Somé, as nigerianas Sophie Oluwole, Nkiru Nzegwu, Oyèrónké Oyěwùmí, Ifi Amadiume, Minna Salami, a angolana Mambu Teresa Muanza, a sul-africana Mpho Tshivhase, a queniana Achola Pala, entre outras.

As obras de introdução a um determinado campo não apenas trazem uma ambientação do debate em torno de sua área, como também é um material formativo, que aponta para os sujeitos que estão “autorizados” a participarem de tais campos. Se nas introduções às filosofias africanas não encontramos uma presença persistente de filósofas africanas, reitera-se a misoginia filosófica, através daquilo que o nigeriano Jonathan Chimakonam e a sul-africana Louise du Toit (2018, p. 21-22) chamam de “marginalização epistêmica das mulheres”, por meio da “privação voluntária ou acidental, cultural ou institucional, das oportunidades de produção, avaliação, regulamentação e divulgação do conhecimento às mulheres em a África subsaariana”.

Como contraponto e exemplo de uma possibilidade não excludente, o filósofo brasileiro Luís Thiago Freire Dantas (2022) nos apresenta em seu *A filosofia na atualidade africana* um instigante texto de introdução ao debate filosófico africano contemporâneo. Embora não seja uma introdução geral às filosofias africanas, o livro nos apresenta um campo de sentido em que a filosofia africana se apoie e, sem apelar às contendas em torno da classificação, correntes ou tendências, traz um panorama de um campo em expansão. É o único dos textos introdutórios analisados que trata tanto de autores quanto autoras sem distinção e, ao mesmo tempo, sem fazer delas apenas debatedoras críticas da opressão das mulheres ou da ausência de filósofas no campo do filosofar africano. Ao lado de Achille Mbembe, Felwine Sarr, Moboge Ramose, Severino Ngoenha, Nkolo Foé, Molongwa Bayibayi e José Castiano, o livro discute, em capítulos dedicados, o pensamento da franco-congoleza Nadya Yala Kisukidi, da marfinense Séverine Kodjo-Grandvaux, da sul-africana Ivy Goduka e das nigerianas Foluké Adebisi e



Nkiru Nzegwu. Um instigante exercício de conhecimento do debate atual nas filosofias africanas e na aposta de, como o próprio texto afirma, que “o singular é múltiplo” (DANTAS, 2022, p. 17) também na potência das diversas vozes, trazidas para o livro da discussão das obras de autoras e autores. Mesmo sem fazer a crítica da ausência das filósofas, o livro nos presenteia com uma filosofia africana plural e potente exatamente por sua pluralidade.

b) *Obras de história das filosofias africanas*

As obras de história da filosofia são textos bastante utilizados não apenas na aproximação com o campo de estudos, como também com a formação de estudantes da própria área. Por meio delas, aponta-se quem são as figuras principais da filosofia, de certa forma, dando sentido a um cânone acionado na formação e reprodução da filosofia. A presença ou ausência de alguém neste cânone indica e incita um certo *ethos* no fazer filosófico, isso quando não finda uma certa identidade – e suas respectivas exclusões – da própria prática filosófica. Nesse cenário, e tendo como base as principais coletâneas de história das filosofias africanas, salta aos olhos que em uma resposta a uma longa história de silêncios na história canônica da filosofia, o silenciamento das mulheres africanas seja intensamente presente.

O filósofo estadunidense Barry Hallen (2002), autor de *A short history of African philosophy*, nos traz um conjunto contextual de reflexões em torno do campo da filosofia africana, menos comprometida com a famosa divisão historiográfica que, partindo dos trabalhos do queniano Odera Orika, pensa o desenvolvimento da história da filosofia africana em torno de tendências ou correntes. Apesar de lidar com abordagens como a etnofilosofia, a filosofia da sagacidade e da hermenêutica, o livro está mais vinculado com debates sobre os lugares da racionalidade, da cultura e da política que informam a prática da filosofia africana contemporânea. O livro ainda traz um capítulo comentando manuais, antologias e fontes primárias para a pesquisa sobre a filosofia africana (HALLEN, 2002, p. 108-111). O oitavo capítulo, dedicado às relações entre filosofia e cultura, discorre durante algumas páginas sobre os trabalhos das nigerianas Oyèrónkè Oyěwùmí, Ifi Amadiume e Nkiru Nzegwu (HALLEN, 2002, p. 95-107). A também nigeriana Sophie Oluwole tem seus textos mencionados na bibliografia do livro, mas seu trabalho não foi nem mencionado e nem discutido no decorrer da obra. Dessa forma, apenas uma filósofa africana é efetivamente discutida no livro, ao passo que dezenas de filósofos homens tiveram seu trabalho comentado.

Na conhecida *Histoire de la Philosophie Africaine* do filósofo camaronês Hubert Mono Ndjana (2009), que aborda aspectos gerais das filosofias africanas desde o antigo Egito

até o século XXI, as únicas teóricas mencionadas são a guadalupense Ama Mazama, representante da abordagem afro-estadunidense da afrocentricidade e a psicóloga estadunidense Tomie-Marie Samkage. Mesmo passando pela Alexandria colonial e abordando autores como Plotino, causa espanto que o livro tenha ignorado a existência de Hipácia de Alexandria, uma filósofa destacada nesse período egípcio, por seus debates sobre ontologia, matemática e teorias do conhecimento, além de tantas outras que já se destacavam no período contemporâneo.

Ao observarmos os quatro volumes da *Histoire de la philosophie africaine* do filósofo e egiptólogo gabonês Grégoire Biyogo (2010a, 2010b, 2010c, 2010d), que viaja desde aquilo que ele entende como os berços egípcios da filosofia até os debates da pós-modernidade e o neopragmatismo, encontramos, nas mais de 960 páginas, um total de menos de uma página, em que ele apresenta a quem ele chama “filósofas africanas, críticas do falocentrismo” (BIYOGO, 2010b, p. 173): a filósofa francesa Sylviane Agacinski – e não é nítido o motivo pelo qual o autor a insere nessa lista, já que não é nascida no continente africano e não pesquisa as filosofias africanas –, a nigeriana Marie Pauline Eboh, de quem o autor apenas menciona o nome, a senegalesa Marie-Louise Diouf, de quem sabemos o tema de sua tese de doutorado, a congoleza Anne-Marie Mpundu, de quem ele apresenta o título de um de seus livros, a marfinense Tanella Boni, de quem sabemos ser filósofa e poetisa, a senegalesa Awa Thiam, de quem ele apresenta o título de um de seus livros e a filósofa congoleza Albertine Tshibilondi Ngoyi, de quem sabemos apenas onde ensina. Esse trato com as filósofas destoa completamente do cuidado que o autor tem com os autores a quem se dedica a comentar nos quatro volumes de sua obra.

No livro do filósofo marroquino Hassan Banhakeia, *Histoire de la pensée nord-africaine*, nas mais de 680 páginas, encontramos apenas uma página e meia de menção a uma filósofa, Areta de Cirene (atual Líbia), chamada de Mãe filósofa, e referida menos por sua obra, mas por ser filha de Aristipo de Cirene, que fora discípulo de Sócrates. Apesar de a obra ter a maior listagem de autoras mulheres na bibliografia dos que foram lidos até agora – 29 obras –, nenhuma delas é africana (são todas europeias ou estadunidenses) e apenas duas delas com formação em filosofia.

O filósofo camaronês Nsame Mbongo (2013a, 2013b) construiu uma coleção, de dois volumes, intitulada *Contre-histoire de la philosophie*, na qual discute uma renovação da história da filosofia tomando em consideração as contribuições da África negra para a história do pensamento. O primeiro volume (MBONGO, 2013a) se chama *La philosophie classique africaine*, no qual discute metafilosoficamente a ocidentalização e a desafricanização da filosofia, ao mesmo tempo em que aborda as bases metodológicas para a construção de um

histórico da filosofia no continente africano, trazendo elementos do pensamento africano na antiguidade, no período que o ocidente chamou de medievo e da modernidade. No segundo volume, *La personnalité philosophique du monde noir*, Mbongo (2013b) trata de nuances das filosofias da sagacidade, discutindo os conhecimentos de sábios tradicionais a partir de uma perspectiva filosófica para, em seguida, mapear as transformações do discurso filosófico na África negra, discutindo temas como a autenticidade, o assujeitamento, justiça epistêmica, na companhia de diversas abordagens filosóficas africanas e afro-diaspóricas.

Embora abranja mais de vinte séculos de filosofia africana, a coleção, que propõe uma contra-história da filosofia, finda por reproduzir os mesmos modelos androcêntricos da produção filosófica ocidental assentada na história contra a qual se quer insurgir. Embora algumas autoras estejam citadas nos dois volumes – Madeleine Della Monica, Geneviève Droz, Elisabeth Laffont, Claire Lalouette, Deborah Lifchitz, Judith Revel, Angela Davis, Jacqueline Russ e Axele Kabou – apenas a jornalista camaronesa Axele Kabou é nascida no continente africano e, ainda assim, sem formação ou debates em filosofia.

O caso das obras de história das filosofias africanas é especialmente grave, pois não há muitos estudos dedicados a produzir compêndios que sistematizem o pensamento filosófico produzido no continente africano. Portanto, os poucos livros que existem se tornam potencialmente mais modelares e excludentes, na medida em que deixam de fora a produção das filósofas, performando e reproduzindo a *tentação falocrata* sobre a qual se referiu Bidima (1995, p. 83).

c) *Antologias sobre filosofias africanas*

As antologias sobre a filosofia africana desempenham um papel muito importante na divulgação do debate filosófico do velho continente negro. Em grande parte, devido à dificuldade de circulação de textos fora do eixo de publicação da Europa e Estados Unidos, essas coletâneas foram centrais na informação das pesquisas iniciais em torno da difusão das filosofias africanas, além de serem os materiais prioritários nos cursos de graduação em que se estudam o tema. Infelizmente, grande parte delas já não é mais editada, nos restando o acesso aos exemplares em bibliotecas e sebos, quando disponíveis.

Figurando como uma das primeiras antologias dedicadas às filosofias africanas, *Les philosophes africains par les textes* foi organizada pelos camaroneses Azombo-Menda e Enobo Kosso (1978). O livro reúne textos do ganense Anton Amo, do estadunidense Edward Blyden, do senegalês Léopold Sédar Senghor, do ganês Kwame Nkrumah, dos martinicanos Aimé

Césaire e Frantz Fanon, do bissau-guineense Amílcar Cabral, do senegalês Cheikh Hamidou Kane, dos camaroneses Engelbert Mveng, Marcien Towa, Fabien Éboussi Boulaga, Ibrahima Sow e Ébénézer Njoh-Mouelle, do tunisino Hichem Djait, do marroquino Abdalah Laroui e do marfinense-beninense Paulin J. Houtondji. Nessa antologia não encontramos nenhuma filósofa citada, nem mesmo nas referências trazidas pelos autores dos textos particulares. Este é, estritamente, um livro de *falósofos*.

O filósofo norueguês Guttorm Fløistad (1987) organizou o quinto volume da coleção *Contemporary philosophy: A new survey*, inteiramente dedicado às filosofias africanas. O volume traz onze textos de filósofos africanos e afro-diaspóricos de diversas nacionalidades, mas, novamente, nenhuma autora assina qualquer dos capítulos. As únicas autoras que aparecem como referência de textos da coletânea são a indiana Gayatri Spivak, a irlandesa Ruth Finnegan, a francesa Germaine Dieterlen, a estadunidense Helaine K. Minkus, as britânicas Judith Ireson e Mary Douglas e as francesas Annie Lebeuf e Germaine Dieterlen. Nenhuma africana...

Outra importante e referenciada coletânea é a *African philosophy: The essential readings*, organizada pelo eritreu Tsenay Serequeberhan (1991). Chama a atenção de que seu subtítulo contenha a expressão “as” leituras essenciais e, também, não traga autoras e nenhuma sugestão de leitura de qualquer filósofa africana. Apenas a misoginia intelectual pode definir que as leituras essenciais são apenas masculinas, excluindo as mulheres da autoria de textos desse conjunto essencial e das interlocuções possíveis com os autores dos textos.

Uma das mais referenciadas antologias sobre a filosofia africana é a organizada pelo filósofo afro-estadunidense Albert G. Mosley (1995), intitulada *African philosophy: selected readings*. Nela, o organizador estruturou a distribuição dos textos em torno do debate sobre a etnofilosofia, as relações entre bruxaria e ciência e as dimensões éticas e estéticas do debate filosófico africano. Em 23 textos assinados por intelectuais do continente africano, europeu e Estados Unidos, encontramos apenas o texto de Sophie Oluwole, *On the Existence of Witches*, assinado por uma filósofa africana. Há ainda um texto em que uma historiadora da arte estadunidense, Nancy Steele Hamme, assina, como coautora com English Parker, outro texto, subrepresentando, novamente, a participação de autoras africanas.

No rol das mais importantes antologias sobre as filosofias africanas aparece a *African Philosophy: An Anthology*, editada pelo filósofo nigeriano Emmanuel Chukwudi Eze (1998). Nesta antologia aparecem 56 capítulos de destacadas figuras que discutem as filosofias africanas e afro-diaspóricas, em diferentes tempos, regiões do mundo e áreas de interesse

filosófico. Reúne alguns dos principais nomes africanos do debate internacional sobre a filosofia africana do século XX, como Joseph Omoregbe, Tsenay Serequeberhan, Kwame Gyekye, Julius Nyerere, Kwame Nkrumah, Segun Gbadegesin, o próprio Emmanuel Eze, Kwasi Wiredu, R. L. Okonkwo e Amilcar Cabral. Nesta antologia dedicou-se a oitava parte ao tema “Filosofia e gênero”, com cinco capítulos, todos assinados por autoras: quatro estadunidenses: bell hooks (que também assina, em coautoria com Cornell West, um outro capítulo na parte 11, sobre filosofia da religião), Patricia Hill Collins, Elizabeth Spelman e Sandra Harding e uma nigeriana, Marie Pauline Eboh. Considerando este elenco, observamos que há apenas uma africana, três negras estadunidenses, três com formação profissional em filosofia e todas discutindo apenas questões de gênero. Quando consideramos o intervalo de tempo recoberto pela coletânea, que contém textos que vão do século XVII ao final século XX, causa estranhamento que apenas uma autora africana figure nesse quadro bastante abrangente da produção filosófica africana e afro-diaspórica.

A coletânea organizada pelos filósofos sul-africanos Pieter H. Coetzee e Abraham P. J. Roux (2003), *The African Philosophy Reader*, está organizada em 8 partes que englobam 49 textos de 37 pensadoras e pensadores de diversos lugares do mundo, destas/es, 33 africanas e africanos negros (COETZEE; ROUX, 2003, p vii). As partes são dedicadas aos seguintes temas: “Discursos sobre a África”; “Tendências da filosofia africana”; “Pensamento metafísico em África”; “Epistemologia e a tradição em África”; “Moralidade no pensamento africano”; “Raça e Gênero”; “Justiça e restituição no pensamento político africano”; “A África no contexto global”. Nessa antologia, encontramos os textos das seguintes teóricas africanas: as filósofas sul-africanas Moya Deacon, Jeanette Malherbe e Jennifer Wilkinson e da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí. Além delas, ainda aparecem duas outras autoras: a estadunidense Gail Presbey e a indiana Uma Narayan. Mesmo com uma parte dedicada ao contexto do debate de gênero no pensamento africano, apenas nove referências de africanas foram mobilizadas nas bibliografias dos textos.

Uma das mais citadas antologias sobre a filosofia africana foi organizada pelo filósofo ganês Kwasi Wiredu (2004), intitulada *A Companion to African Philosophy*. Nela encontramos 47 artigos, divididos em 7 partes: “História”; “Questões metodológicas”; “Lógica, epistemologia e metafísica”; “Filosofia da religião”; “Ética e estética”; “Política” e, por fim, “Tópicos especiais”. Desses capítulos temos apenas dois assinados por uma filósofa: a nigeriana Nkiru Nzegwu, o primeiro *Art and Community: A Social Conception of Beauty and Individuality*, na parte 5 e *Feminism and Africa: Impact and Limits of the Metaphysics of*

*Gender*, na parte 7. Além disso, temos menções, ao longo da antologia, a Peseshet, médica da 4ª dinastia do antigo Egito (p. 36), a filósofa Hipácia de Alexandria (p. 51, 161), a zimbabuana Hilda Kuper (p. 153), a rainha ashanti Yaa Asantewa (p. 478), a líder espiritual zimbabuana Nehanda Charwe Nyakasikana (p. 478), a profeta ugandense Alice Lakwena (p. 479), a escritora sul-africana Antjie Krog (p. 510), a filósofa senegalesa Awa Thiam (p. 550, 553-554), a antropóloga nigeriana Ifi Amadiume (p. 565-568), a escritora nigeriana Felicia Ekejiuba (p. 569), a historiadora ugandense Nakanyike Musisi (p. 569), as sociólogas nigerianas Kamene Okonjo (p. 569) e Oyèrónkẹ Oyěwùmí (p.147, 569), a escritora e professora senegalesa Mariama Bâ (p. 550, 556) e a filósofa nigeriana Sophie Oluwole (p. 361, 362 e 403). Apesar de parecerem muitas autoras, quando observadas as obras anteriores, não se compara às dezenas de filósofos masculinos que aparecem na obra, sobretudo quando observamos que, desse elenco, encontramos apenas duas pensadoras com formação em filosofia.

A coletânea *Listening to Ourselves: A Multilingual Anthology of African Philosophy*, editada pelo afro-canadense Chike Jeffers (2013), traz um instigante compêndio com textos filosóficos escritos nas línguas maternas de cada uma das pessoas que assinam os capítulos e uma tradução destes ao inglês. Dos oito ensaios presentes no livro, apenas um é escrito por uma autora, a queniana Betty Wambui, assinando o texto *Conversations: Women, Children, Goats, Land*, que trata de questões vinculadas com os debates de gênero.

Uma das mais recentes e extensas coletâneas sobre filosofias africanas é a *The Palgrave Handbook of African Philosophy*, organizada pelo filósofo Adeshina Afolayan e pelo historiador Toyin Falola (2017), ambos nigerianos. É a mais abrangente em temas e dividida em cinco partes: “Preliminares e reavaliações”, “Tradições filosóficas e filosofia africana”, “Questões e discursos”, “Desenvolvimento africano e filosofia africana” e “filosofia africana e currículo”. Apresenta 50 textos de autoras e autores de diversos lugares do mundo, em sua maioria do continente africano. Esses textos foram assinados por 43 pessoas, dentre elas, 7 autoras, sendo 4 delas africanas: as filósofas sul-africanas Louise du Toit e Azille Coetzee e as filósofas nigerianas M.S.C. Okolo e Olayinka Oyeleye. As demais são europeias ou estadunidenses. O livro referencia ou menciona 60 mulheres, sendo 11 africanas e 49 de outros lugares do mundo, enquanto centenas de homens (africanos ou não) são mencionados ou referenciados. Dessas 11 africanas, apenas Hipácia de Alexandria, Sophie Oluwole e Nkiru Nzegwu são filósofas, ao passo que dezenas de filósofos africanos são mencionados ou discutidos na obra, explicitamente, subrepresentando as filósofas africanas.

O livro *African Philosophy for the Twenty-First Century: Acts of Transition*, editado pelo filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima e pela filósofa estadunidense Laura Hengehold (2021), se diferencia dos demais dessa categoria. Nele, temos nove capítulos, destes, seis escritos por mulheres: a marfinense Tanella Boni, a canadense Delphine Abadie, a estadunidense Laura Hengehold, a franco-canadense Florence Piron, a marfinense Séverine Kodjo-Grandvaux e a martinicana Hanétha Vété-Congolo – única sem formação profissional em filosofia. Embora apenas duas delas sejam nascidas no continente africano, todas se dedicam à filosofia africana ou afro-diaspórica, sem circunscrever os textos das autoras apenas às questões de gênero.

Nas duas enciclopédias analisadas que se seguem, há uma diferença em relação às obras anteriores. Não apenas por não serem exatamente antologias, como também por não serem especificamente dedicadas à filosofia africana. Elas aparecerão aqui por serem obras importantes para a compreensão do debate sobre o ambiente cultural africano e afro-diaspórico. Não sem mais, diversos filósofos africanos são trazidos em seus verbetes, como representantes do pensamento e da experiência africanos afirmados nos textos.

Na obra *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience*, editada pelo filósofo anglo-ganense Kwame Anthony Appiah e pelo filósofo afro-estadunidense Henry Louis Gates Jr. (1999, 2005), temos um esforço de visibilização da cultura africana e afro-diaspórica, atravessando tempos, temáticas e campos do conhecimento diversos. A primeira edição, de 1999, trazia 3.234 verbetes, e embora não fosse especificamente sobre as filosofias africanas, parte importante dos debates filosóficos desde África, que chegaram ao final do século XX estavam presentes nesta primeira edição. Na autoria dos verbetes encontramos, nessa edição, 79 autoras, de diversos lugares do mundo. Dentre elas encontramos a única africana, a antropóloga ganense Yaa Pokua Afriyie Oppong, que escreveu um verbete sobre os povos Fulani (APPIAH; GATES JR., 1999, p. 794). Nesta edição, há verbetes sobre personalidades africanas, como a romancista senegalesa Mariama Bâ, sobre a líder religiosa antonianista congoleza Dona Beatriz “Quimpa Vita”, a cantora, compositora e ativista dos direitos humanos sul-africana Miriam Makeba, a bióloga e ambientalista queniana Wangari Maathai, a cantora cabo-verdiana Cesária Évora, a política e ativista sul-africana Winnie Mandela, a política liberiana Ruth Perry, a etnóloga e diretora de cinema senegalesa Safi Faye, a jornalista sul-africana Ruth First, a romancista sul-africana Nadine Gordimer, a cantora beninense Angélique Kidjo, a política e ativista moçambicana Graça Machel, a economista e estadista burundiana Sylvie Kinigi, a romancista nigeriana Flora Nwapa, a enfermeira e

jornalista queniana Grace Ogot, entre outras. Mas nenhuma filósofa africana teve um verbete destinado a ela, embora diversos filósofos africanos e filósofas da diáspora o tivessem.

A segunda edição da *Africana*, de 2005, mesmo com mais de 1200 verbetes adicionados em relação à primeira edição (APPIAH; GATES JR., 2005, p. ix), e do crescimento da enciclopédia de 2095 para 4096 páginas, a ausência de filósofas africanas seguiu persistente, embora o número de filósofos africanos se ampliasse. Nesta edição, assim como na anterior, chama a atenção que Tanella Boni seja rapidamente referida apenas como poeta no verbete sobre escritoras literárias da África francófona (APPIAH; GATES JR., 2005, p. 568) e nada se mencione sobre seu vasto trabalho filosófico.

Na *The Oxford Encyclopedia of African Thought*, organizado pelos nigerianos Abiola Irele e Biodun Jeyifo (2010), os únicos verbetes dedicados a mulheres nascidas no continente africano, foram o da jornalista e ativista anti-apartheid sul-africana branca Ruth First, o dedicado à romancista branca sul-africana Nadine Gordimer e o dedicado à romancista mestiça sul-africana Bessie Head, todas sem formação em filosofia, embora a enciclopédia dedique trinta e três verbetes a filósofos nascidos no continente africano. Ainda que esta enciclopédia não seja especificamente voltada à filosofia africana – e sim ao pensamento africano e afrodiaspórico, em geral – chama a atenção que tantos filósofos homens tenham sido mencionados e, embora filósofas afrodiaspóricas como Ida Bell Wells-Barnett, Angela Davis e Sylvia Wynter tenham verbetes sobre elas, a nenhuma filósofa africana tenha sido dedicado um único verbete sequer.

Estas antologias são uma verdadeira vitrine daquilo que se pretende mostrar como o que se tem feito em termos de filosofia africana, seus temas, seus problemas e metodologias, mas, também, quem são os sujeitos que têm produzido a reflexão filosófica sobre e desde o continente africano. A ausência ou pouca presença de filósofas africanas reverbera e reforça essa marginalização paradoxal das filósofas africanas, pois temos uma crítica ao silenciamento, que finda por “re-silenciar” algumas das figuras que já foram silenciadas pelo cânone ocidentocêntrico.

### **Considerações finais**

Diversas são as justificativas para a ausência das mulheres nessa narrativa histórica da filosofia africana. Várias delas se conectam com o caráter de vinculação das reflexões filosóficas com a cultura tradicional africana, que, no passado, fez com que se pudesse discutir uma dimensão coletiva do pensamento. Nessa justificativa, as mulheres não estariam presentes,



em função do fato de que o pensamento individual não fosse focado, e a estrutura das comunidades fosse o sujeito reflexivo. Não obstante, ao observarmos os informantes dessas vozes tradicionais, encontramos quase sempre o sujeito masculino, como se esse fosse o portavoz natural da voz da comunidade. Essa dimensão está bastante presente nos trabalhos da matriz da filosofia da sagacidade, que busca escutar sábios representantes das comunidades, capazes de sistematizar e criticar o pensamento coletivo, mobilizando aquilo que o filósofo queniano Odera Orika chamou de “sagacidade filosófica”, na diferença daquela sagacidade popular. É sintomático que a única informante da listagem da pesquisa de Orika fosse classificada como uma sábia popular e não uma sábia filosófica (IPADEOLA, 2023).

Se esse elemento é uma justificativa para a ausência das mulheres, não serviu para justificar a presença massiva de homens como informantes da filosofia da sagacidade, desde Okemba Chaungo, na pesquisa de Orika na década de 1970, até a recente pesquisa do moçambicano José Paulino Castiano, ouvindo o sábio moçambicano Alberto Viegas.

Assim, se podemos dizer que a história da filosofia africana é uma contra-narrativa do silenciamento de intelectuais que pensam *em e desde* o continente africano, não obstante, a história da filosofia africana, como vem sendo feita até agora, guarda consigo um outro grande silenciamento, o das filósofas africanas. Uma tarefa importante da compreensão do cenário é entender que, como as histórias da filosofia africana ainda são produzidas em contextos modernos patriarcais, é muito fácil repetir o que a misoginia filosófica tem feito no próprio ocidente, quando temos uma quantidade diminuta de filósofas sendo estudadas no cânone e uma presença tão pequena delas nos programas de pós-graduação em filosofia, o que aponta para uma sub-representação de sua produção intelectual.

Um dos grandes problemas que esse cenário traz é o efeito subjetivo da formação. Se estivermos habituadas e habituados a olhar um currículo e encontrar uma quase totalidade de homens, tenderemos a pensar que a presença das mulheres é uma excepcionalidade e naturalizamos uma prática de exclusão. E isso tem acontecido também no campo da filosofia africana, mesmo quando o próprio fenômeno da exclusão é largamente debatido. E, costumeiramente, saltamos da não leitura/debate do trabalho das filósofas africanas para uma errônea percepção de sua inexistência.

Seja no âmbito internacional, quanto no nacional, há um sem número de mulheres negras e filósofas africanas produzindo e debatendo a filosofia africana, e não as ler é uma prática misógina que tanto exclui as mulheres de um campo de produção de conhecimento,

quanto empobrece o conhecimento das filosofias africanas, já que elas são também são intelectuais estruturadoras do campo.

Parece um truísmo, mas nossa misoginia intelectual demanda que precisemos defender de saída: leiamos, pesquisemos e insiramos as filósofas africanas em nossos currículos, cursos e trabalhos que tratem das filosofias africanas e das filosofias em geral. Sem isso, seguiremos perpetuando um esquema que mina a possibilidade de uma justiça epistêmica, além de sempre promovermos uma compreensão incompleta e deficitária das filosofias africanas.

Outro provável truísmo é que várias das filósofas africanas discutem a exclusão das mulheres africanas da história da filosofia. Mas não é só isso que elas discutem, embora seja muito importante esse debate. Elas, como o restante dos coletivos dedicados à prática filosófica, discutem teorias do conhecimento, ontologias, metafísica, lógica, filosofias da linguagem, filosofias da mente, ética, filosofia política, filosofia do direito, filosofias da natureza, filosofias da religião etc., desde as mais variadas abordagens, tomando problemas tanto gerais como específicos dessas áreas do conhecimento filosófico.

Uma das coisas que se costuma fazer em qualquer trabalho acadêmico é revisão de literatura. Um gesto que pode auxiliar nessa busca pela redução da exclusão epistêmica das filósofas africanas é fazer buscas direcionadas pelas autoras. Os nomes de autores e autoras africanos e africanas podem ser dificultadores, posto que nem sempre é possível saber o gênero da pessoa pelo nome, mas pesquisas rápidas nas redes são capazes de mostrar se a pessoa a quem lemos é uma autora ou autor e, nesse cenário, interrogar o motivo pelo qual preferimos as referências masculinas. Esse não é um gesto novo. Essa estratégia foi utilizada também no fortalecimento de filosofias brasileiras e latino-americanas.

Fazendo coro com a filósofa nigeriana Priscilla Ipadeola (2023, p. xi), não penso que devemos abandonar as abordagens anteriores da filosofia africana, mas, antes, estabelecer adições críticas que enfrentem o androcentrismo da prática de divulgação e ensino em trono do fazer filosófico africano, para que, ao fim, a defesa do estudo das filosofias africanas não contribua para uma opressão epistêmica das mulheres, em especial, das africanas (IPADEOLA, 2023, p. 113).

Por fim, é preciso apontar que este levantamento possui limitações devido a não conseguir acesso a todas as obras – introduções, histórias, antologias – listadas nas bases referidas no início da segunda seção deste artigo, nomeadamente: OLUWOLE, Sophie B. (ed.) *Readings in African Philosophy: An Anthology*, Lagos: Masstech Publications, 1989 (única coletânea de introdução organizada por uma filósofa nascida no continente africano);

ECHEKWUBE, Anthony Onyebuchi (1994). *An Introduction to African Philosophy*. Ibadan: Kraft Books, 1994.; OKOLO, Chukwundum Barnabas. *What is African Philosophy?: A Short Introduction*. Enugu: Freemans Press Limited, 1987.; OGUNMODEDE, Francis Ishola. *Of history and historiography in African philosophy*. Ibadan: Hope Publications, 2001.; ABANUKA, Bartholomew. *A history of African philosophy*. Enugu: Spiritan Publications, 2011 e IGBOANUGO, Sampson. *African Philosophy: A history*. São Francisco: Blurb, 2023. Também não foram considerados as antologias temáticas das áreas e interfaces das filosofias africanas, que embora pudessem retratar a presença ou ausência das autoras, demandaria outra metodologia e fugiria do escopo da apresentação geral da história e dos debates mais amplos em torno das filosofias africanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFOLAYAN, Adeshina; FALOLA, Toyin (eds). *The Palgrave Handbook of African Philosophy*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2017.

APPIAH, Kwame Anthony; GATES JR., Henry Louis (eds). *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience*. Nova Iorque: Basic Books, 1ª edição, 1999.

APPIAH, Kwame Anthony; GATES JR., Henry Louis (eds). *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2ª edição, 2005.

AZOMBO-MENDA, S.; ENOBO Kosso M., *Les philosophes africains par les textes*. Paris: Fernand Nathan, 1978.

BELL, Richard. H. *Understanding African Philosophy*. Nova Iorque: Routledge, 2002.

BIDIMA, Jean-Godefroy. *La Philosophie Nègro-Africaine*. Paris: PUF, 1995.

BIDIMA, Jean-Godefroy; HENGHOLD, Laura (eds.). *African Philosophy for the Twenty-First Century: Acts of Transition*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2021.

BYOGO, Grégoire. *Histoire de la philosophie africaine*. Livre I – Le berceau égyptien de la philosophie. Paris: L’Harmattan, 2006a.

BYOGO, Grégoire. *Histoire de la philosophie africaine*. Livre II – Introduction à la philosophie moderne et contemporaine. Paris: L’Harmattan, 2006b.

BYOGO, Grégoire. *Histoire de la philosophie africaine*. Livre III – Les courants de pensée et les livres de synthèse. Paris: L’Harmattan, 2006c.

BYOGO, Grégoire. *Histoire de la philosophie africaine*. Livre IV – La postmodernité et le néo-pragmatisme. Paris: L’Harmattan, 2006d.

CHIMAKONAM, Jonathan O.; DU TOIT, Louise. Introduction. In: CHIMAKONAM, Jonathan O.; DU TOIT, Louise (eds.). *African Philosophy and the Marginalization of Women*. Nova Iorque: Routledge, p. 1-7, 2018.

- COETZEE, Pieter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. Nova Iorque: Routledge, 2003.
- DANTAS, Luís Thiago F. *A Filosofia na Atualidade Africana*. Teresina: Entre Trópicos, 2022.
- EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *African Philosophy: An Anthology*. Malden: Wiley-Blackwell, 1998.
- FLØISTAD, Guttorm (ed.). *African Philosophy*. Contemporary philosophy: A new survey, vol. 5. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987.
- GOLDBERG, David Theo. *The philosophical foundations of racism*. Tese (Doutorado em Filosofia). Nova Iorque: City University of New York, 1984.
- HALLEN, Barry. *A short history of African philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.
- IMBO, Samuel Oluoch. *An Introduction to African Philosophy*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1998.
- IPADEOLA, Abosede Priscilla. *Feminist African Philosophy: Women and the Politics of Difference*. Oxon/Londres: Routledge, 2023.
- IRELE, F. Abiola; JEYIFO, Biodun (eds.). *The Oxford Encyclopedia of African Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- JEFFERS, Chike. *Listening to ourselves: a multilingual anthology of African philosophy*. Nova Iorque: State University of New York Press, 2013.
- MAKUMBA, Maurice M. *Introdução à filosofia africana*. Passado e presente. Maputo/Luanda: Paulinas, 2014.
- MONTEIRO, Ivan Luiz. *Introdução ao pensamento filosófico africano*. Curitiba: InterSaberes, 2020.
- MONTOYA, Fernando Susaeta. *Introducción a la filosofía africana*. Un pensamiento desde el cogito de la supervivencia. Santa Cruz de Tenerife: Ediciones Idea, 2010.
- MOSLEY, Albert G. (ed.). *African philosophy: selected readings*. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1995.
- NDJANA, Hubert Mono. *Histoire de la philosophie africaine*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- RUCH, E. A.; ANYANWU, K. Chukwulozie. *African Philosophy: An Introduction to the Main Philosophical Trends in Contemporary Africa*. Roma: Catholic Book Agency, 1984.
- SEREQUEBERHAN, Tsenay (ed.). *African philosophy: The essential readings*. St. Paul: Paragon House, 1991.
- SOW, Ibrahima. *La philosophie africaine: Du pourquoi au comment*. Dakar: Nouvelles Éditions Numériques Africaines, 2012.
- WIREDU, Kwasi (Ed.). *A Companion to African Philosophy*. Oxford: Blackwell, 2004.
- WRIGHT, Richard A (ed.). *African Philosophy: An Introduction*. Lanham: Rowman & Littlefield/University Press of America, 1984.